

# A GEOGRAFIA E O CINEMA EM SALA DE AULA: novas tecnologias numa abordagem metodológica

**Geography and cinema in the classroom: new technologies in a methodology approach**

Luciana Baronio Silva<sup>1</sup>  
Fábio Guimarães Oliva<sup>1</sup>

**Resumo:** A abordagem metodológica com novas tecnologias, especialmente com cinema, na Geografia é o tema deste trabalho de graduação, que pretende colocar uma luz sobre as possibilidades de ensino com esta ferramenta. A procura de métodos de aprendizado com técnicas mais modernas, visuais e virtuais é urgente e requer uma preparação por parte dos professores, alunos, comunidade e escola. Assim, este artigo busca algumas respostas na filosofia e psicologia da educação e nos especialistas em ensino com novas tecnologias numa tentativa de ampliar a visão a respeito da temática e contribuir na discussão sobre os processos de ensino-aprendizagem a partir deste instrumento de trabalho. Como resultado final um breve amparo metodológico para as atividades em sala de aula e algumas sugestões de trabalho com cinema adaptados à disciplina de Geografia, que poderão contribuir para a melhoria da qualidade de ensino, seja nesta disciplina ou como apoio para temas transversais. Desta forma, temos uma discussão pertinente que pode trazer mais que uma análise sobre novas tecnologias, mas efetivamente o desenvolvimento da autonomia no aluno e a melhoria da eficiência escolar.

Palavras-chave: Geografia. Metodologia de ensino. Novas tecnologias no ensino de geografia.

**Abstract:** The methodological approach with new technologies - especially with the cinema in Geography - is the subject of this undergraduate final paper, which aims to shed some light on the educational possibilities of this tool. The demand for learning methods with more modern, visual and virtual techniques is urgent and requires preparation by the teachers, the students, the community and the school. Therefore, this article seeks some answers in Philosophy and Psychology of Education and in specialists in teaching with new technologies in an attempt to expand the view of the subject and contribute to the discussion about the teaching-learning processes with this tool. As a result, we present a brief methodological support for classroom activities and some suggestions of tasks with cinema adapted to the discipline of Geography, which can contribute to improve the quality of education, whether in this discipline and/or support for crosscutting issues. Thus, we present a relevant discussion that can bring more than an analysis of new technologies, but actually the development of learner autonomy and the improvement of school effectiveness.

Keywords: Geography. Teaching methodology. New technologies in teaching geography.

## Introdução

A esperança de uma educação mais eficiente e o surgimento de poderosos instrumentos tecnológicos na área da comunicação de massa, como o rádio, a televisão e o computador trouxeram novos olhares e perspectivas ao campo de ensino. A velha metodologia do “despejo” de conteúdos, o estímulo à memorização, há muito deixaram de ser o referencial para o ensino nas escolas, ainda que saibamos que na prática isso acontece por todo o Brasil.

Aliás, a prática, como sabemos, é outra história. Por isso, este trabalho pretende suscitar novas ideias de como usar a tecnologia visual/virtual, em especial a “sétima arte”, ou o cinema, como recurso metodológico eficiente e viável para o ensino.

O cinema é um veículo de grande alcance, atrai grande volume de pessoas, e consegue desta forma excelente difusão de ideias, sendo um eficiente “formador” de opinião. A influência deste tipo de arte/mídia consegue impressionar pela sua abrangência, mas traz preocupação aos

---

<sup>1</sup> Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

---

educadores e à sociedade civil que se dedicam à formação de seus filhos. Este mesmo temor é provocado pela internet, que já atingiu escala estratosférica muito além do cinema.

A pergunta que se faz ao elaborar este trabalho é: Por que não usar os recursos do “inimigo” a favor da educação? Se queremos uma educação de qualidade, se sabemos que o caminho do crescimento tecnológico é irreversível, que os alunos vão cada vez mais, já ultrapassando a barreira das diferenças sociais, utilizar (sem critério algum) os recursos que estiverem à sua disposição, por que não lançar mão destes mesmos recursos a favor das ciências da educação?

No discurso, parece simples, sendo apenas uma questão de atitude, mas precisamos estudar exaustivamente estes recursos para que possamos, na área educativa, tirar proveito efetivo do que a mídia e o cinema oferecem a nosso dispor. Entrar numa sala de aula e colocar um “filminho” para os alunos assistirem, não é, nunca foi, nem será, nova metodologia. Será tão somente uma forma mais moderna de despejar conteúdos e ocupar um tempo enorme do plano de aula.

A inspiração para este trabalho de graduação veio de várias fontes, entre elas, grandes pensadores da educação, como Philippe Perrenoud, Paulo Freire, Ruben Alves, Mário Sérgio Cortella, bem como uma profunda e antiga admiração pela Sétima Arte – o Cinema – e um amor novo, construído paulatinamente, pela Geografia. Acrescidos da contribuição indiscutível fornecida pelo Trabalho de Graduação realizado pelo colega de profissão João Américo Aguirre Oliveira em 2012, pelo Curso de Licenciatura em Geografia da UNIASSELVI, foi o elemento que faltava para o transbordamento das ideias, concentração de forças e determinação para a pesquisa e escrita deste ensaio.

O que se propõe aqui é aprofundar este assunto na linha de metodologia de ensino, no caso, de geografia, buscando, além do arcabouço teórico de mestres da educação, uma base consistente para a elaboração de atividades que contemplem o assunto em questão e tragam uma contribuição prática para os futuros docentes.

Tarefa mais que urgente, diante da rápida transformação que a mais nova geração, nascida e imersa na era digital/virtual, provocou em nossos hábitos diários mais corriqueiros. É irreversível esta mudança tecnológica, e não podemos ficar nem à margem, nem omissos diante das mudanças, principalmente porque somos formandos de licenciatura e sabemos que a educação é, sem sombra de dúvida, a peça-chave de transformação das sociedades, a verdadeira riqueza de um país e sua fonte direta e perene de progresso.

Por isso, este espaço de trabalho pretende trazer contribuições práticas e pertinentes, que tragam algum norteamento para a aplicação em sala de aula, ou mesmo alguma inspiração para futuros professores, profissionais da educação muito mais experientes, que eles possam então corrigir a rota ou acrescentar sua imensa bagagem. Mas, mais que trazer opções práticas de trabalho com cinema para a geografia, o objetivo mais importante é o de estimular o desenvolvimento de competências, habilidades e autonomia no aluno, meta ousada, fato, que é a menina dos olhos de todo educador, mas que sabemos que é condição *sine qua non* para a formação de Cidadãos – sim, com letra maiúscula, dada a importância dessa conquista.

Para tanto, o trabalho foi elaborado em algumas etapas, visando atender a este objetivo final, sendo a primeira, o levantamento da problemática do ensino. Desta em relação à aprendizagem e seus processos, assim como o distanciamento professor/aluno promovido por uma educação agonizante e pelo surgimento de tecnologias, que aumenta o abismo, já normalmente existente, entre gerações. Posteriormente, se fará uma apreciação sobre a experiência com tecnologias em sala de aula, em especial o cinema e sua importância em metodologia da educação. Finalmente, uma sugestão de trabalho unindo cinema, educação e geografia, um sonho para um futuro professor, que tem a pretensão de aplicar a metodologia em sala de aula, mas que também tem a predisposição de receber críticas e contribuições de docentes, alunos e de todos os que se interessam em fazer uma sociedade melhor através da educação.

---

## Desafios na aprendizagem e a influência das novas tecnologias

O processo de ensino-aprendizagem já foi exaustivamente discutido por grandes estudiosos, cientistas e pensadores da educação, e não podemos nos esquecer das contribuições inegáveis de Piaget, Vygotsky, Skinner, Gardner, e mais recentemente, Freire, Perrenoud, entre muitos outros importantes na formação do professor.

Alguns tentaram desvendar a mecânica do pensamento, outros os mecanismos biológicos, ou ainda a importância da interação social para o desenvolvimento da aprendizagem, os tipos de inteligência, ou mesmo os processos de formação das ideias e os simbolismos construídos pela mente. Cada pensador da educação teve um papel fundamental para compreendermos como o ser humano processa as linguagens e aprende. Onde começa e termina essa “tarefa” de aprender? Bem, em tese, nunca, como podemos concluir a partir da clara conceituação de Bigge (1977, p. 1):

Maturação, aprendizagem ou uma combinação de ambas são os meios em função dos quais ocorrem mudanças duradouras nas pessoas. A maturação é um processo de desenvolvimento pelo qual uma pessoa, de tempos em tempos, manifesta desempenhos diferentes, cuja ‘cópia’ já estava impressa em suas células no momento da concepção. A aprendizagem, ao contrário da maturação, envolve uma mudança duradoura no indivíduo vivo, não marcada por sua herança genética. Pode ser uma mudança de ‘*insights*’<sup>2</sup>, de comportamento, de percepção ou de motivação, ou ainda uma combinação desses elementos. (nota do acadêmico)

Aprender é algo que acontece por toda vida, independente de métodos. É inerente ao ser humano e não pode ser negado. O que se está em busca é como possibilitar, nesta condição atual em que se encontra a educação, com as ferramentas de que dispomos, um aprendizado relevante, permanente, adequado às realidades locais? Essa preocupação está implícita e todos os pensadores da educação da atualidade, em todos os educadores e docentes, bem como nos gestores e pessoas que estão envolvidas e comprometidas com uma sociedade em crescente evolução, e isso não é novidade. A dificuldade está em adequar e colocar tantas teorias e estudos metodológicos dentro de quatro paredes (e sempre que possível fora delas), de maneira que seja importante, pertinente, próprio à realidade desde ou daquele grupo de estudantes e comunidade.

Para provocar uma aprendizagem ao mesmo tempo rigorosa e relevante será necessário voltar o olhar para a aprendizagem espontânea, cotidiana, que a criança realiza em sua experiência vital, para encontrar os modelos que podem orientar a aprendizagem sistemática na sala de aula. Ao problema se coloca de novo a seguinte pergunta; como criar na aula um contexto ‘natural’ de vivências e intercâmbios, em que a aprendizagem de conceitos abstratos venha exigido de forma lógica pelas solicitações das tarefas e problemas que espontaneamente se colocam nas interações que aquele contexto facilita ou induz? (SACRISTÁN; GÓMEZ, 1998, p. 93).

Evidente que a tarefa de conhecer as realidades é árdua e requer bem mais que preparo acadêmico e teórico. Precisa de uma disposição superior, onde o professor consiga aprender com o meio, apreender os elementos que não podem ser mudados e distinguir, dentre todos eles, quais tem potencial de mudança a partir de um trabalho em sala de aula adaptado às circunstâncias e oferta de material do local, e assim propiciar o crescimento do aprendizado do aluno.

A partir de todas essas questões, a busca mais importante para o acadêmico de licenciatura

---

<sup>2</sup> “*Insight* é a palavra-chave dos psicólogos da teoria de campo-Gestalt quando descrevem a aprendizagem. [...] é uma sensação de, ou sentimento para, padrão ou relações. [...] é a ‘saída percebida’, ou ‘solução’ de uma situação problemática”, segundo definição de Morris L. Bigge (1977, p. 102-103).

---

tura, se dá no sentido de provocar, no aluno, o estímulo e o ambiente mais favorável possível ao aprendizado, e é aqui que entra a metodologia, a partir do uso das novas tecnologias, contemplado neste trabalho pelo cinema, pelo uso do recurso visual na sala de aula, mas com o cuidado e o direcionamento responsáveis. Perrenoud (2005, p. 76) atenta para a importância da variedade de atividades e da diversidade de procedimentos para o desenvolvimento de competências:

É preciso, sobretudo, criar situações de aprendizagem que sejam geridas de maneira completamente distinta de uma sucessão de lições e exercícios. Se a meta da formação geral é orientar para competências, ela deve inspirar-se mais em certos dispositivos de formação profissional e de educação dos adultos, como estudos de caso, jogos de papéis, procedimentos de projetos, simulação, métodos ativos e contextualização de problemas. (PERRENOUD, 2005, p. 76).

Perrenoud nos apresenta com uma rica avaliação da situação do ensino e da precariedade da formação docente para as novas gerações, apontando para o caminho do desenvolvimento de competências, que permitam que habilidades sejam estimuladas e o potencial de aprendizado plenamente aproveitado. O autor atenta que pensar educação hoje pressupõe pensar novas mídias, novos recursos e técnicas. Mas isso não significa que estamos falando em novos conceitos, em uma nova visão de mundo, de sociedade. Estar devidamente paramentado não pressupõe necessariamente que estamos criando uma escola nova, quebrando paradigmas, diminuindo diferenças.

Perrenoud alerta que uma aparência moderna, um revestimento novo para a prática educativa, não traz a eficiência nem verdadeiras mudanças no sistema de ensino. A diferença está em “como” fazemos a educação. Utilizar novos recursos é realmente muito bom, traz um frescor e confere jovialidade à prática diária de educar, mas se não houver uma mudança de mentalidade, novos parâmetros metodológicos, será apenas outra forma moderna e tecnológica de memorização de conteúdos.

A história do século XX ensina-nos que as revoluções tecnológicas sempre suscitam esperanças ingênuas no campo da educação. Esse otimismo, infelizmente, desarma por algum tempo a luta contra os mecanismos básicos de fabricação do fracasso escolar. Passados cinco ou seis anos, descobre-se que a desigualdade diante da escola continua lá, mesmo que com a fachada um pouco modificada. Será que as pessoas acabarão compreendendo que ela não tem a ver com os conteúdos e com os meios de ensino, e sim com sua aplicação diferenciada? (PERRENOUD, 2005, p. 64).

Essa situação de repetição dos velhos hábitos metodológicos acaba por derrubar qualquer possibilidade de crescimento na área da educação. Aparência de modernidade aqui, não traz eficácia nem eficiência e pode ser um engodo. Por isso, trazer novos recursos, gera um compromisso maior do professor de ampliar ou ainda, propiciar ao aluno que ele amplie seu mundo e sua forma de ver as diferenças e semelhanças entre povos e gêneros, as injustiças, as culturas diversas da sua, a forma que o ser humano modifica seu espaço, os motivos escondidos por detrás das ações humanas. É um desafio, que o professor precisa ter essa habilidade treinada e desenvolvida minimamente para auxiliar o aluno nessa construção. Perrenoud novamente complementa:

As competências não se ensinam, mas se constroem graças a um treinamento. Aprende-se fazendo, ao sabor de uma prática reflexiva, com um apoio, uma regulação e um *coaching*\*<sup>3</sup>. Não se trata de aprender tudo sozinho, por tentativa e erro, mas tampouco de se exercitar simplesmente para seguir um procedimento, um modo de uso ou uma

---

<sup>3</sup> “*coaching*”\*: Em inglês, termo que significa acompanhamento individual.

---

receita. Para desenvolver competências, é preciso confrontar-se pessoalmente, de forma ao mesmo tempo repetida e variada, com situações complexas e empenhar-se para tentar dominá-las, o que, aos poucos, leva a integrar saberes, habilidades mais estritas, informações, métodos para enfrentar, para decidir em tempo real, para assumir riscos. Isso demanda tempo, não podendo ser feito no ritmo desenfreado da transmissão de saberes descontextualizados. (PERRENOUD, 2005, p. 75, nota do tradutor).

Os professores têm diante de si, diariamente, o desafio de ultrapassar diversas barreiras: a desmotivação dos alunos, a falta de recursos, o despreparo teórico/metodológico. Muitos destes professores têm tão poucos recursos quanto seus alunos e oportunidades limitadas de atualização e nivelamento. Aqui, novamente há uma questão de gestão da formação docente, do amparo material e metodológico disponível e acessível para o professor.

De outro lado, temos as infinitas possibilidades que as novas tecnologias trazem com suas perspectivas de análise e a diversidade de saberes que elas propiciam. Mas, diante disso, seria empecilho mais nocivo para a educação, a imobilidade e desesperança da classe docente e das famílias e sociedade civil. Uma espécie de acomodação/aceitação dos fatos, que há décadas atrás já era problema no sistema educativo.

O conteúdo a ser aprendido pode ser apresentado aos alunos inúmeras vezes sem resultados palpáveis. Muitos estudantes mostram-se desinteressados. Outros tornam-se rebeldes, trazendo sérios problemas para os professores. [...] as salas de aula se assemelham a campos de batalha onde professores e alunos fazem guerra uns contra os outros. Tal estado de coisas pode vir a ser considerado como fato consumado por professores, alunos e pais que [...] acham natural que os jovens não gostem da escola e tentem resistir à aprendizagem acadêmica. [...] assumem que isso é apenas mais um dos fatos desagradáveis da vida: as crianças e os jovens aprendem pouco na escola. (BIGGE, 1977, p. 4).

Dito isso, percebemos que alunos e professores estão do mesmo lado da balança: não há estrutura para amparar uma estratégica mudança, mas nem por isso é preciso entregar todo o trabalho já realizado e abandonar a busca. Não enxergar que há “luz no fim do túnel” é o sintoma mais grave da atual situação da educação em nosso país. Ao mesmo tempo, todo o sistema educacional atual entrou em desespero na tentativa de se adequar e estar em sintonia com os mais modernos recursos tecnológicos, no sistema público ou privado. Este último usando como atrativo justamente a presença de recursos audiovisuais dentro das salas de aula, como que delegando à presença dos recursos a capacidade de manter o interesse dos alunos em qualquer instância, como lembra Franco (2004), e independente da capacitação do corpo docente para a utilização destes recursos.

Acontece que os professores, apesar de reconhecerem a necessidade de atualização dos recursos e certamente desejarem que assim seja, não estão preparados nem mesmo na sua formação teórica docente. Há muito se reclama da defasagem na atualização dos professores nos seus estudos para a prática didática e metodológica. Não há nem mesmo tempo hábil para cursos de nivelamento e atualização daquilo que já está constituído como base para o ensino. Como podemos então querer que se ultrapasse essa barreira para a capacitação para o uso de mídias e tecnologia? E temos ainda a questão da barreira “analógica/digital” coisa que os jovens que nasceram já na era da informática não compreendem. Sequer concebem um mundo real sem um virtual. E nos dias de hoje, nem botões são necessários, basta um “toque”<sup>4</sup>. Diante disso, há

---

<sup>4</sup> Com referência à tecnologia *touchscreen*: “Uma tela sensível ao toque (português brasileiro) ou ecrã tátil (português europeu), também conhecida pelo anglicismo *touch screen*, é um tipo de tela sensível à pressão, dispensando assim a necessidade de outro periférico de entrada de dados, como o teclado”. (WIKIPÉDIA, 2014)

---

uma defasagem muito mais grave do que a tecnológica, mas mais importante, na formação docente, o que colabora para a ampliação do abismo existente na relação professor-aluno, há muito tema de estudo nos meios acadêmicos. A perpetuação deste panorama nos leva à manutenção desta distância e das críticas que paulatinamente a educação neste país recebe desde há muito:

Um professor sem sólida orientação teórica dificilmente consegue ir além de manter os alunos ocupados. É verdade que muitos professores atuam dessa forma, utilizando uma mistura de métodos sem qualquer orientação teórica. Entretanto, essa maneira confusa de ensinar é indubitavelmente responsável por muitas das críticas negativas que são feitas atualmente à educação pública. (BIGGE, 1977, p. 6).

A sala de aula, fato incontestado, continua sendo ambiente de manutenção das práticas de memorização de conteúdos, seja nas formas mais modernas e tecnológicas nas escolas de maior poder aquisitivo, ou de forma mais “crua” e sem recursos das escolas públicas, mas a questão é: o aluno não recebe o aprendizado de forma mais condizente com sua realidade, ou ainda, o ensino está muito distante e alheio às necessidades de cada universo individual/social.

Além de uma visão mercadológica e concepção bancária do ensino, a estrutura da escola não possibilita a construção criativa e qualitativa de modo geral, nem mesmo no universo do ensino particular. Exemplo disso é a supervalorização dos vestibulares e o enorme mercado que se formou em seu entorno. No máximo a escola forma “superespecialistas” em memorização, onde o aluno acumula saberes para “barganhas” futuras, como Sacristán e Gómez (1998, p. 94-95) apontam, prática que ainda não foi modificada ao longo dos últimos anos:

[...] os conceitos físicos, históricos ou geográficos adquirem na escola um sentido muito peculiar, pois só são utilizados, na melhor das hipóteses, para resolver problemas teóricos ou problemas artificiais ‘de laboratório’, e a intenção de sua aprendizagem não é sua aplicação na realidade diária, mas servir de moeda de troca para o sucesso na avaliação.

A educação precisa preparar os alunos para muito mais que passar em vestibulares ou concursos, ainda que isso possa ser uma parte de toda a caminhada. Para viver é preciso mais que isso, é necessário desenvolver uma leitura do mundo, aprender a construir e desconstruir conceitos, e acessar saberes a partir dos recursos tecnológicos que estão disponíveis e mesmo se não estiverem.

### **Recursos visuais - virtuais e cinema na sala de aula**

A partir da Revolução Industrial, o mundo não foi mais o mesmo. A organização das sociedades, bem como a organização do espaço e as necessidades do ser humano foram mudando, num ritmo frenético e em escala geométrica. O desenvolvimento do capitalismo em sua versão selvagem foi inevitável, mas trouxe um nível de especialização e crescimento tecnológico notável. A escola, apesar de localmente e regionalmente ter suas peculiaridades, em escala mundial teve que se adequar a esta mudança permanente de técnicas e com grandes dificuldades para acompanhar este ritmo.

Obviamente, a oferta de tecnologia muda hábitos, costumes, interfere nas culturas, miscigena ideias, diminui distâncias, cria novos paradigmas, em toda a sociedade, e a escola não fica de fora, precisa acompanhar as mudanças impostas pelo mundo globalizado.

[...] nas sociedades desenvolvidas contemporâneas [...], a onipresença e grau de especia-

---

lização dos meios de comunicação estão provocando uma mudança profunda na função da escola, debilitando sua função transmissora e fortalecendo a orientadora e compensatória. O/A aluno/a entra em contato com os instrumentos e produtos culturais por meio de vias e canais muito mais poderosos e atrativos de transmissão de informação. Portanto, não chega à escola somente com as influências restritas de sua cultura familiar, mas com um forte equipamento de influências culturais provenientes da comunidade local, regional, nacional e internacional. (SACRISTÁN; GÓMEZ, 1998, p. 62-63).

Desde que as tecnologias foram ficando acessíveis, à medida que se popularizaram, criaram ao mesmo tempo a possibilidade de acesso a um número cada vez maior de informações, notícias, imagens. Com o advento do rádio e da televisão, o mundo mudou de dimensão: os meios de comunicação se tornaram uma espécie de “poder paralelo”, correndo ao lado e ao largo da escola e das instituições responsáveis pela formação de opinião e disseminação de ideias, conceitos, cultura. Isso apenas num primeiro momento. Com o incremento das tecnologias e, em meados do século passado, o advento do *Personal Computer* (PC), e, mais ao final do século, com o acesso à Internet, rede de alcance mundial ou WWW<sup>5</sup>, e consequente popularização do acesso a esses meios, a escola, que nunca foi (nem pretendia ser) a única fonte de formação do indivíduo, passou de uma posição de destaque a uma posição perigosamente defasada.

Na sociedade contemporânea, a escola perdeu o papel hegemônico na transmissão e distribuição da informação. Os meios de comunicação de massa, e em especial a televisão, que penetram nos mais recônditos cantos da geografia, oferecem de modo atrativo e ao alcance da maioria dos cidadãos uma abundante bagagem de informações nos mais variados âmbitos da realidade. [...] a criança recebe por meio dos poderosos e atrativos meios de comunicação, e os efeitos cognitivos de suas experiências e interações sociais com os componentes de seu meio de desenvolvimento, vão criando, de modo sutil e imperceptível para ela, incipientes, mas arraigadas concepções ideológicas, que utiliza para explicar e interpretar a realidade cotidiana e para tomar decisões quanto a seu modo de intervir e reagir. (SACRISTÁN; GÓMEZ, 1998, p. 25).

A entrada de informações abundantes e sem controle ao meio jovem, ainda em formação, gera a toda a sociedade uma sensação alarmante, mesmo para quem tem essa preocupação. Pelo simples fato de que essas mídias estão influenciando e ditando novas leis e regras de comportamento que acabam por interferir na vida de todos. Afinal, o jovem de hoje é o adulto “malformado” de amanhã.

O papel da escola mudou, a sociedade mudou, bem como os interesses, a bagagem que se adquire antes de se chegar à escola por conta da influência dos meios de comunicação é significativamente maior do que há algumas décadas atrás. O volume de dados, fatos e informações que os recursos visuais proporcionam em um curto período de tempo não tem comparação com nenhum outro, atingindo uma escala populacional enorme.

É válido lembrarmos que, atualmente, temos possibilidade de entrar em contato com uma quantidade imensa de produções imagéticas, não somente a partir de nossa experiência concreta, mas, também, por meio de ambientes virtuais que nos permitem acessá-las em uma escala temporal relativamente curta, garantindo assim uma disseminação para um público ainda maior. (FIORAVANTE; SILVA, 2013, p. 2).

Assim, a produção visual tem enorme poder de penetração, invadindo a vida cotidiana

---

<sup>5</sup> A *World Wide Web* (termo da língua inglesa que, em português, se traduz literalmente por "teia mundial"), também conhecida como *Web* e *WWW*, é um sistema de documentos em hipermídia que são interligados e executados na Internet. Os documentos podem estar na forma de vídeos, sons, hipertextos e figuras. (Wikipédia - a enciclopédia livre, 2014).

---

desde a primeira infância. Sua influência na formação das últimas gerações é inegável e será permanente. As consequências disso estão sendo percebidas à medida que os anos passam, e, sejamos realistas, não é uma influência das mais desejáveis. A pergunta é: a mídia é a “culpada” pela (má) formação do indivíduo ou a educação (e a sociedade) é que não dá conta de formá-los para o olhar crítico, a autonomia, a independência? Será que um indivíduo que tenha desenvolvido certas competências e capacidades seria tão vulnerável? Onde começa o problema? Qual a diferença entre as gerações passadas, anteriores à influência das novas tecnologias e mídias e as atuais?

Hoje o educador enfrenta essa herança, legada pelo cinema às gerações televisivas. [...]. O desmoronamento do papel da escola na formação da personalidade das crianças e adolescentes abriu mais espaço para a influência da mídia. [...] Não é mais apenas através das vivências, brinquedos e jogos infantis que a criança exercita suas potencialidades e aptidões para o reconhecimento de sua vocação de vida, que caberia à escola desenvolver. O consumo das mídias audiovisuais aciona mecanismos profundos de projeção/identificação, desencadeando processos de vivência afetiva tão intensos e modelares quanto os da experiência empírica. Quando a criança chega às mãos do educador já tem plantada, dentro de si, a semente da contradição entre o que lhe fazem desejar e o que lhe é possível realizar. (FRANCO, 2004, p. 33).

As consequências de se colocar a escola a um segundo plano são, no mínimo, alarmantes. E ser a mídia a principal influência na formação infantil, gera ainda mais preocupação e desconforto para quem está preocupado e ocupado em tentar fazer da escola um lugar ainda privilegiado de construção de conhecimento.

O cinema e os recursos audiovisuais de forma geral, em toda sua variedade – seja por vídeo, DVD, internet - possuem uma infinidade de apreciação e forma inegáveis e uma amplitude de aplicação na área educativa considerável, como nos lembra Favaretto (2004, p. 12). Ele nos alerta, pontualmente para o problema de utilizar esse recurso de forma exclusiva para instrumentalizar as aulas, ou somente como recurso de arte. Ele não é apenas uma ou outra, e sim um recurso de amplas possibilidades de aplicação, análise, abordagem, um verdadeiro “laboratório experimental”, um recurso didático-pedagógico em consonância com a modernização dos meios tecnológicos voltados à experiência educativa, como diz o autor. Favaretto (2004, p. 13) ainda aponta: “Assim, como o cinema é, acima de tudo, espetáculo, é preciso muita atenção para não reduzi-lo a uma simples experiência de fantasia, ainda que superior, nem à exigente experiência estética e, finalmente, nem apenas a uma experiência de conhecimento e reflexão”.

Ter a clareza de que o cinema não é nem será solução metodológica, mas um meio através do qual se poderá construir saberes e desenvolver competências, é o primeiro passo para se utilizar esta ferramenta moderna e indispensável. O papel de mudar a realidade cabe ao questionamento desenvolvido individualmente, na construção pessoal realizada durante um longo tempo e enriquecida de uma enorme diversidade de vivências.

É indispensável que a formação inicial contemple a reflexão sobre o que somos e o que sabemos, reconhecendo o que nos falta, a fim de que a mídia e os recursos metodológicos se constituam como mais uma linguagem, e não um princípio educativo. O profissional da educação deve ter a capacidade de pensar para além da mídia, de métodos e técnicas como recurso, ou seja, pensar nos pressupostos do ensino e da pesquisa, pois a adoção desses meios, *per si*, não garante um trabalho transformador. (LEITE; NUNES, 2007, p. 223).

Preparar a criança e o jovem para discernir o que é nocivo do que é profícuo, é uma construção complexa, em que participam vários atores: a família, a comunidade, a escola, e, atualmente, as mídias. Cada um tem seu papel com mais ou menos peso. Este peso, cada um

---

pode incorporar segundo seu cuidado e atuação durante a formação do indivíduo. E o conjunto desses atores participando da construção educativa, de forma colaborativa com o propósito de uma escola feita para os alunos e para seu futuro como cidadãos, só pode ter um final promissor. Progresso, justiça social, direitos e deveres garantidos se constroem desde tenra idade, com planejamento, preparação, estudo, dedicação e colaboração de todos.

Mais do que transmitir informação, a função educativa da escola contemporânea deve se orientar para provocar a organização racional da informação fragmentária recebida e a reconstrução das pré-concepções acríticas, formadas pela pressão reprodutora do contexto social, por meio de mecanismos e meios de comunicação cada dia mais poderosos e de influência mais sutil. (SACRISTÁN; GÓMEZ, 1998, p. 26).

A utilização do cinema na metodologia de ensino da disciplina de geografia pode fazer esse papel de fomentar a construção e desconstrução de (pré) conceitos, pois que é uma disciplina que transita com facilidade por diversas ciências, quer sejam humanas, da terra ou exatas, e tem, por isso mesmo, um compromisso maior com esse objetivo.

Pode ser uma carga exagerada e desproporcional a uma disciplina apenas, mas é justo por seu caráter transdisciplinar que a escola pode e deve valorizar o professor desta área que tenha disposição para qualificar seus métodos e contribuir para a melhoria da educação dentro de seu universo: a sala de aula.

### **Metodologia da pesquisa, material e métodos**

O presente trabalho trata de uma pesquisa básica em sua natureza, visando esmiuçar o universo do cinema a partir da visão da disciplina de geografia, numa busca de metodologia que contemple essa relação, numa abordagem qualitativa. Possui ainda caráter exploratório, utilizando-se para isso de pesquisa bibliográfica, onde os diversos autores selecionados e escolhidos para o amparo e referencial teórico colaboram para a discussão do tema especificado, enriquecendo e fomentando novos olhares para a caminhada acadêmica, para a formação profissional e docência. Essa classificação está em acordo com as normas expressas na apostila de Metodologia do Trabalho Acadêmico da UNIASSELVI de 2012.

Para tanto, todos os autores pesquisados para formação deste trabalho fundamentaram a importância do processo de ensino-aprendizagem, bem como suas dificuldades na prática docente. O material que dá suporte a este artigo foi buscado em diversas fontes, como bibliotecas, fontes virtuais e material pessoal. Os autores selecionados têm estabelecido conhecimento em alguma das diversas áreas que fazem suporte à educação: psicologia, filosofia, da área de ensino de geografia ou de ensino de forma abrangente. Após a delimitação do tema e seus objetivos, com a orientação do professor tutor, estabeleceram-se os limites a serem dissecados neste trabalho, quais sejam: os entraves metodológicos para aprendizagem, bem como a influência das metodologias visuais e virtuais com foco no cinema, a utilização desta ferramenta e os requisitos para esta aplicação metodológica, resultando em proposta de trabalho para a sala de aula que contemplasse o desenvolvimento da autonomia, senso crítico e outras habilidades e competências no aluno.

### **Resultados e discussão**

Este trabalho de graduação discursou sobre a metodologia de ensino de geografia e a utilização de novas tecnologias em sala de aula, trazendo como foco de estudo o cinema, sob

---

a forma de documentário, animação ou película. A geografia como disciplina que conversa com outras disciplinas possui uma característica fundamental para a análise transdisciplinar: ela estuda a organização do espaço, tanto sob o ponto de vista físico como o humano, o que permitiu que a abordagem de análise desta pesquisa tivesse se dado de forma bastante ampla e abrangente. Já a metodologia de uso e pesquisa do cinema pode trazer para a sala de aula o que mais se aproxima das novas gerações, linguagem facilmente aceita por elas: a linguagem visual, tecnológica e lúdica do cinema.

Pretendeu-se compreender essas linguagens tecnológicas no sentido de propor uma metodologia que pudesse orientar os trabalhos em sala de aula, tirando melhor proveito das ideias e percepções despertadas pelo cinema, colaborando para o desenvolvimento do olhar crítico e da autonomia no aluno. Claro que nem tudo que foi pesquisado foi aqui contemplado, pois a enormidade de informações e bibliografias, e mesmo de possibilidades de pesquisa seriam impossíveis de serem reproduzidos em tão pequeno espaço.

De toda forma, como resultado da discussão apresentada sobre o tema, será esboçada aqui uma proposta de utilização do cinema em sala de aula, de forma a unir, ligar todos os pensadores e seu aparato teórico numa tentativa de agregar estes saberes. Assim, temos uma breve análise sobre o porquê de se utilizar essa tecnologia específica, os conceitos que precisam estar bem claros para o docente que pretender acessar essa ferramenta metodológica, e, finalmente, uma proposta básica para aplicação em sala de aula.

### **Vantagens do trabalho com cinema**

Trabalhar com cinema, como já exposto, é mais complexo do que possa parecer. Principalmente porque o que se quer é extrair dessa ferramenta a melhor proposta metodológica possível. Para tanto, temos que pensar em por que, quando e como se pode utilizá-la para a construção de conceitos e o desenvolvimento de competências pelo educando. “A educação e o cinema são formas de exercitar o pensamento. No entanto, é preciso lutar contra o senso comum e o bom senso para que a função da educação e da arte seja a invenção de novas realidades, e não a repetição do mesmo”. (DINIS, 2005, p. 71-72).

Assim, para que não seja apenas mais uma ferramenta, precisamos perceber toda a importância dela e assim suplementar o trabalho didático de forma enriquecedora, criativa e interessante para alunos e professores. É preciso compreender como esse instrumento funciona e suas vantagens, suas possibilidades, para então escolher o que mais se adequa ao plano escolar.

Oliveira (2012, p. 7) faz uma importante apreciação teórica em seu artigo sobre a importância do uso de novas tecnologias em sala de aula, em especial a utilização do cinema como ferramenta metodológica, o que contribui para a formação do cidadão, ao:

- Mobilizar a expressão e a comunicação pessoal.
- Intensificar as relações dos indivíduos tanto com seu mundo interior como com o exterior.
- Auxiliá-lo a compreender a diversidade de valores que orientam tanto seus modos de pensar e agir como os da sociedade.
- Favorecer o entendimento da riqueza e diversidade da imaginação humana.
- Torná-lo capaz de perceber sua realidade cotidiana mais vivamente, reconhecendo e decodificando formas, sons, gestos e movimentos que estão à sua volta.

Além disso, Oliveira ainda dá excelentes sugestões para o ensino público, cujas limitações materiais são maiores, como para o ensino privado, que possui maior acesso às tecnologias mais diversificadas. Traz ainda uma análise das possibilidades de interpretação da linguagem

---

cinematográfica em diversas abordagens. Essa contribuição é importante no sentido de dar significado à utilização do cinema, e traz mais clareza ao processo metodológico.

É bastante importante não ter a ilusão de que se pode ensinar conteúdos, seja em geografia ou fora dela, simplesmente com a execução de um filme. É uma parceria que se estabelece para o estímulo de habilidades, o aguçamento das percepções. O cinema tem de servir para ampliar a visão do que já está conhecido, abstrair, dar substância.

É nesse sentido que é preciso corrigir um segundo equívoco: pensar o cinema como um instrumento didático que possa ilustrar os conteúdos pedagógicos. Se o cinema pode ser um interessante aliado da educação, não é porque possa ilustrá-la, traduzir didaticamente em imagens e sons os conteúdos formativos da cultura letrada. O cinema e a educação talvez possam fazer alianças pela capacidade de cada um desses campos afetar o outro, não ilustrando, o que seria a repetição do mesmo, mas porque o cinema pode conduzir a educação a novos lugares, a pensar o diferente, pode afetar produzindo um estado de ruído, de estranhamento na função comunicativa da educação de modo a levá-la a novos devires, à emergência de um novo tempo. (DINIS, 2005, p. 69).

Segundo Duarte et al. (2004) quanto mais houver a complexidade de elaboração, a diversidade de valores e conflitos e a estimulação de discussão que um filme provoca, mais eficiente na produção de conhecimento e questionamento nos expectadores. E o inverso se dá na mesma medida: a simplicidade, a padronização e o estereótipo de conceitos produzidos na película, parecem permitir e viabilizar a manutenção e preservação de valores instituídos.

Trabalhar com cinema, como já dissertado, traz inúmeras possibilidades para o professor, e pode ser um recurso explorado ao infinito, com vantagens importantes a serem destacadas, então trabalhar com cinema traz certas vantagens importantes, entre muitas:

- Dificuldade de apreciação “*in loco*” dos lugares, devido à quantidade, variedade e dificuldade de acesso.
- Decorrente deslocamento inviável em função da condição financeira ou distância/tempo.
- Possibilidade de utilizar o “problema” da comunicação de massa, a favor da escola: excesso de cultura da imagem, *Facebook*, *TV*, *Youtube* etc. Muitos estímulos visuais não orientados e alienantes. Ensinar o aluno a selecionar, investigar, avaliar, separar, observar e criticar tudo o que vê.
- Independentemente da linha metodológico/pedagógica e faixa etária em que o professor irá nortear seu trabalho, este poderá ser direcionado segundo os critérios estabelecidos pelo professor: se for simpático à linha de Paulo Freire, poderá trabalhar em cima de ideias centrais que se familiarizem com a realidade sociolocal. Se for usar uma metodologia mais pragmática, poderá utilizar ideias dentro da Geografia Física, enfim, ou todas as abordagens, dependendo do Plano Político Pedagógico (PPP) da escola, das necessidades e do despertar dos alunos diante das questões levantadas pelo vídeo/filme escolhido para estudo.

### **Orientação básica para aplicação do trabalho com cinema**

As possibilidades são infinitas, desde que o professor tenha em mente, como guia uma base teórica, que oriente todo o trabalho. Sabemos que no decorrer dos acontecimentos, nem sempre é possível seguir o rumo previsto, mas é justamente por isso que a educação é tão fantástica: um ponto de vista pode levar a um leque de ideias que irão gerar mais uma infinidade de conexões. O despertar do aluno para a ampliação de seu conhecimento a partir deste trabalho, oportunizará que ele possa sozinho, gerar seu próprio saber, que aos poucos vai sendo disciplinado para um olhar mais crítico, científico e, ao mesmo tempo, como uma lente prismática,

---

que multiplica a visão a respeito de muitos temas cotidianos. O cinema permite essa miscelânea extremamente útil para a sala de aula.

Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. Assim, dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e ‘difíceis’, os filmes têm sempre alguma possibilidade para o trabalho escolar. (NAPOLITANO, 2008, p. 11-12).

Para que haja mudança no discurso e na prática e o uso de novas tecnologias faça a diferença, é preciso ter em mente uma série de saberes que o professor precisa recordar, reestudar, reavaliar:

- Lançar mão das teorias de aprendizagem, estudo pormenorizado da psicologia da educação, para que ele recorde como funciona o aprendizado por associação, por *insight*, por projeção etc., numa escala visual. Isso é fundamental para tirar melhor proveito de recursos audiovisuais.
- Perceber que ensinar Geografia, pressupõe ensinar Geologia, Sociologia, Economia, Antropologia, Etnografia, Física, Química, Biologia, Matemática, Línguas, enfim, esta disciplina transita por todos os cantos das diversas ciências, e isso é fantástico. Nada poderia ser melhor para o uso do cinema, que abarca inúmeros aspectos da vida humana, de toda ordem: social, cultural, política, econômica, psicológica, biológica etc. Não podemos esquecer que a geografia é transdisciplinar e o estudo da ocupação e organização do espaço sobre a Terra passa por inúmeros fatores da vida humana. Todos eles merecem atenção e estudo.
- Estudar em detalhes o recurso escolhido, seja um filme, vídeo, documentário (independentemente se for da internet ou DVD), para obter deste o melhor resultado possível em termos do despertar do aluno para os diversos saberes contidos na película/gravação.
- O professor só pode ensinar aquilo que ele mesmo pode aprender. E não estamos falando de conteúdos, mas de “ver além”, enxergar por trás das aparências o que se apresenta como filme. Veja bem, estamos aqui objetivando “desenvolver o olhar”, a argúcia, a crítica. E não apenas com relação à temática, mas também com relação às questões sociais, culturais, econômicas, políticas.
- Desenvolver atividades antes, durante e após a projeção do recurso, visando ao desenvolvimento de habilidades nos alunos em que eles possam apreciar qualquer tipo de projeção visual, numa visão mais científica, criteriosa, desenvolvendo a técnica da pesquisa, em que ele efetivamente possa “aprender” independente da presença do professor. É o desenvolvimento de uma capacidade, para que resulte no desenvolvimento de outras. A autonomia se desenvolve a partir do desenvolvimento da disciplina do olhar crítico. E esta é apenas uma das habilidades a se desenvolver, a partir de tarefas/atividades elaboradas pelo professor.

### **Proposta metodológica para o uso de cinema em geografia**

Aqui, está apresentada uma pequena amostra de sugestões de atividades a serem aplicadas sozinhas ou em conjunto, como base de trabalho para a utilização de filmes comerciais (e mesmo “não comerciais”). Estas atividades estão alicerçadas no embasamento teórico apresentado neste artigo, em experiências realizadas nos estágios supervisionados pela UNIASSELVI e na vivência acadêmica. Atividades sugeridas:

- Ficha de observação, com as seguintes sugestões de questionamento:  
Observações: Esta sugestão se refere a atividades onde os alunos ou o professor podem

---

escolher o filme segundo o conteúdo previsto, podendo ser adaptado segundo o nível dos alunos, o tipo de filme, o tempo disponível e a amplitude do tema.

#### FICHA DE OBSERVAÇÃO - BASE PARA TRABALHO COM CINEMA

1. Nome e temática do filme
2. Contextualização histórica - Causas e consequências - Influência na organização espacial - Inter-relações
3. Contextualização espacial - Biomas - Geomorfologia - Clima - Outros fatores físico-geográficos (latitude, longitude, maritimidade, continentalidade etc.). - Inter-relações
4. Contextualização Cultural, Étnica, Religiosa - Inter-relações
5. Contextualização Econômica, Política, Social - Inter-relações
6. Resumo do roteiro
7. Dados de cinematografia
8. Depoimento Pessoal

- Trabalho com debate através de Seminário, Simpósio ou Estudo Dirigido. Possibilidade ainda da atividade de “Banco dos Réus”, onde determinado conceito, preconceito ou ação pode ser colocada em cheque numa dramatização de “julgamento”, com réus, advogados de defesa, promotor etc.
- Montagem de um *blog*<sup>6</sup> ou jornal impresso com as notícias sobre as atividades realizadas com cinema: publicar os trabalhos para acesso de todos, compartilhar informações e curiosidades, montar equipe de gestão das informações postadas, *links* de filmes educacionais.
- Criação de tabelas, gráficos, maquetes e mapas a partir da atividade com vídeos/filmes.
- Alunos em grupos buscam filme que ilustre determinado conteúdo de geografia, com critérios apresentados pelo professor e/ou decididos em conjunto. Cada grupo deve apresentar seu relatório de análise e apresentar o filme usando regras combinadas com o professor. O professor complementa os conteúdos aprofundando.

#### Considerações finais

A escolha de métodos e processos para a aquisição do conhecimento é sempre uma fonte inesgotável de criatividade e novos rumos. Porque a cada descoberta de aprendizado, se constrói mais que conceitos: se ergue um alicerce de saberes que o aluno utilizará ao longo de toda sua jornada como estudante e como indivíduo em permanente construção.

O cinema vem trazer um acréscimo importante, visto que as artes visuais e tecnologias visuais e virtuais são lugar comum em toda sociedade moderna e urbana, onde, diga-se a verda-

---

<sup>6</sup> “Um *blog* ou *blogue* (contração do termo inglês *web log*, “diário da rede”) é um *site* cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados artigos, ou *posts*.”. (Wikipédia, a enciclopédia livre, 2014).

---

de, vive mais de 50% da população mundial, com previsão de crescimento, chegando a aproximadamente 70% até 2050<sup>7</sup> – e precisam ser dissecados a partir de critérios metodológicos bem delimitados e previamente estudados. Porque senão, caem na vala comum, das informações vazias e supérfluas e nada acrescentam à construção do conhecimento ou da cidadania.

Por isso, a busca de novos métodos de trabalho em sala de aula que contemplem essa causa, só vem somar e subsidiar o encontro entre conteúdos formais e saberes. Este artigo pretendeu agregar mais alguns elementos que podem servir de base para o trabalho com cinema em sala de aula da forma mais simples possível, mas não superficial, pois se baseou não apenas na geografia e seu enorme arcabouço de conteúdos, mas na filosofia da educação, na psicologia da educação e nos modernos pensadores da área na atualidade.

Acredita-se que este trabalho tenha complementado um caminho, uma alternativa ou, pelo menos, fornecido uma inspiração para semear novas metodologias de ensino condizentes com a realidade globalizada que vivemos. Não se pode afirmar que seja algo novo, mas, mais uma maneira de ver o cinema: como ferramenta útil e extremamente rica para o ensino de geografia e aplicação transdisciplinar. A busca se dá no sentido de pensar e repensar a educação.

[...] quanto mais tempo/espço dedicado à melhor escola as novas gerações forem submetidas, melhor será a antevisão do êxito da modernidade, à revelia de todas as forças antagônicas (reacionárias, antimodernas ou pós-modernas). Há um projeto de mundo a triunfar, e nenhuma proposta política – de esquerda, centro ou direita – descarta o papel essencial da Escola nessa conquista. (OLIVEIRA, C. 2011, p. 148).

Não podemos esquecer que acima de tendências metodológicas, instrumentos e recursos modernos, ou mesmo da falta destes, o trabalho essencial de toda a sociedade está na construção de uma escola que realmente cumpra o papel de principal formadora de cidadãos do mundo, junto com a família, e não mais de instrumento ideológico para manipulação e manutenção de um sistema, seja ele qual for.

Assim, através do estudo pormenorizado dos modernos recursos tecnológicos disponíveis, mas também do intenso e mais dedicado ainda estudo de metodologias, do preparo do corpo docente e, principalmente, da motivação, é possível criar, modificar, reestruturar o ambiente da sala de aula, no sentido de fornecer ao aluno mais que recursos atualizados, mas um meio efetivo de aprender. Trabalhar por esta causa é condição primordial para um mundo onde a justiça, a derrubada de preconceitos, a igualdade de condições e o respeito às diferenças deixe de ser utopia e passe a ser uma prática: direito e dever de todos os indivíduos.

## Referências

BIGGE, Morris L. **Teorias da aprendizagem para professores**. São Paulo: EPU, Universidade de São Paulo, 1977.

DINIS, Nilson Fernandes. Educação, cinema e alteridade. **Educar em Revista [On-line]** 2005, Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=155016204006>> . Acesso em: 13 maio 2014.

DUARTE, Rosália et al. Produção de sentido e construção de valores na experiência com o cinema. In: SETTON, Maria da Graça Jacintho (Org.). **A cultura da mídia na escola: ensaios**

---

<sup>7</sup> Segundo dados da ONU – Organização das Nações Unidas. Disponível em: <[www.onu.org.br](http://www.onu.org.br)>. Acesso em: 26 maio 2014.

---

sobre cinema e educação. São Paulo: Annablume, 2004.

FAVARETTO, Celso. Prefácio. In: SETTON, Maria da Graça Jacintho (Org.). **A cultura da mídia na escola**: ensaios sobre cinema e educação. São Paulo: Annablume, 2004.

FIORAVANTE, Karina Eugenia; SILVA, Washington Drummond da. **Aproximações entre a Geografia e o Cinema**: em busca de um novo subcampo. Encontro de Geografia da América latina. 2013. Disponível em: <[http://www.egal2013.pe/wp-content/uploads/2013/07/Tra\\_Karina%C2%A0Eugenia-Fioravante-Washington-Drummond-da-Silva.pdf](http://www.egal2013.pe/wp-content/uploads/2013/07/Tra_Karina%C2%A0Eugenia-Fioravante-Washington-Drummond-da-Silva.pdf)>. Acesso em: 19 maio 2014.

FRANCO, Marília. Você sabe o que foi o I.N.C.E.<sup>8</sup>? In: SETTON, Maria da Graça Jacintho (Org.). **A cultura da mídia na escola**: ensaios sobre cinema e educação. São Paulo: Annablume, 2004.

LEITE, Ana Maria Alexandre; NUNES, Maria Fernanda. Juventudes e Inclusão Digital: reflexões sobre acesso e uso do computador e da internet pelos jovens. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (Orgs.). **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Ministério da Educação, secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO, 2007.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. Para pensar cultura escolar a partir da periferia globalizada. In: NUNES, Flaviana Gasparotti (Org.). **Ensino de geografia**: novos olhares e práticas. Dourados, MS: UFGD, 2011.

OLIVEIRA, João Américo Aguirre. **O emprego de novas tecnologias no ensino da geografia**: O uso do cinema no desenvolvimento das relações ensino/aprendizagem. Trabalho de Graduação. Licenciatura em Geografia, UNIASSELVI, Porto Alegre, 2012.

PERRENOUD, Philippe. **Escola e Cidadania**: o papel da escola na formação para a democracia. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, A. I. Pérez. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre, Artmed, 1998.

TAFNER, Elisabeth Penzlien; SILVA, Everaldo da. **Metodologia do trabalho acadêmico**. 2. ed. Indaial: UNIASSELVI, 2012.

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. **Ecrã Tátil**. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2014. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ecr%C3%A3\\_t%C3%A1til&oldid=37857588](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ecr%C3%A3_t%C3%A1til&oldid=37857588)>. Acesso em: 13 fev. 2014.

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. **World Wide Web**. Flórida: Wikimedia Foundation,

---

<sup>8</sup> Instituto Nacional de Cinema Educativo

---

2014. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=World\\_Wide\\_Web&oldid=38100192](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=World_Wide_Web&oldid=38100192)>. Acesso em: 17 fev. 2014.

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. **Blog**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2014. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Blog&oldid=38973207>>. Acesso em: 22 maio 2014.

---

Artigo recebido em 15/06/15. Aceito em 17/08/15.